

EDIÇÃO 23

REVISTA

PecuariaSul

INFORMAÇÃO QUE GERA DESENVOLVIMENTO

Foto: Laura Girardi/NESPro - Cabanha Soldada - Panambi/RS



Sistemas de Cria

Equipe do NESPro fala sobre os desafios impostos pelas adversidades climáticas na região do Pampa

Produção de Pasto

Fertilização de pastagens é o caminho para quem busca aumentar o retorno sobre o investimento na pecuária



Cadastre-se em nosso site e receba nossas publicações automaticamente em seu e-mail.



Mas se você é daqueles que não abre mão da revista impressa,

entre em contato por e-mail ou pelas nossas redes sociais para adquirir uma assinatura e receber a Revista PecuariaSul bimestralmente no conforto de casa.



@revistapecuariasul



@pecuariasul.revista



(51) 99977 0841



contato@pecuariasul.com.br

Editorial



Carolina Balbé de Oliveira de Souza

é Veterinária, Mestre em Agronegócios (UFRGS), Doutora em Produção Animal (UFRGS) e Editora da Revista PecuariaSul.

Caros leitores,

Chegamos na edição 23! Nesta edição abrimos a revista com um artigo sobre fertilização de pastagens e sua importância no incremento da produção pecuária.

Este primeiro artigo vem de encontro aos pilares de nossas publicações, onde abordamos sobre produzir de maneira mais efetiva, econômica e sustentável, enfatizando a nutrição desde a base – nutrindo o solo e entendendo as particularidades da fertilização de pastagens para a produção pecuária.

A equipe da Costeria traz um excelente artigo sobre os efeitos do sombreamento na produção bovina. A equipe da Nupeec Hub-UFPeI, aborda o controle da precocidade e do frame na busca por animais mais eficientes.

Nosso artigo de capa é com a equipe do NESPro, abordando a resiliência do Bioma Pampa diante do clima e dos desafios sanitários.

Incremento da Produção Pecuária

O Caderno SIA no traz uma importante reflexão sobre a integração lavoura-pecuária. Na sequência a equipe da Geoplan aborda as alternativas para produzir mais nas pastagens de inverno. O Caderno Carne e Saúde fala sobre a preparação para a próxima prova do ultra atleta carnívoro Alessandro Medeiros. O Caderno CTPEC da Unipampa – campus Uruguiana/RS fala sobre reprodução na ovinocultura e, para fechar esta edição, o Caderno Encorte mostra a palestra do INIA-Uruguai do 33º Encorte em 2024.

Boa Leitura!



17 & 18 DE JUNHO DE 2025

INSCRIÇÕES
ABERTAS



BARRA SHOPPING SUL
PORTO ALEGRE / RS

8h30 ÀS 12h
13h30 ÀS 17h



XX JORNADA NESPRO &
CONGRESSO INTERNACIONAL
DE CRIADORES



INSTITUTO
DESENVOLVE
PECUÁRIA

Índice



06

25

29

06

**INCREMENTO DA PRODUÇÃO
PECUÁRIA ATRAVÉS DA
FERTILIZAÇÃO DE PASTAGENS**

Entender as necessidades do solo e trabalhar com a adubação específica pode ser o investimento de maior retorno na pecuária.

14

**EFEITOS DA SOMBRA NOS
SISTEMAS DE PRODUÇÃO
DE BOVINOS DE CORTE**

03

Editorial

18

Controle de Precocidade na Busca de Animais Mais Eficientes

22

PecuariaSul Negócios

34

Alternativas de Manejo para Aumentar o Desempenho em Pastagens de Inverno

38

Caderno Carne e Saúde - Alessandro Medeiros na Keys 100: Superação e Nutrição Carnívora

25

**RESILIÊNCIA DOS SISTEMAS DE
CRIA NO PAMPA DIANTE DAS
ADVERSIDADES CLIMÁTICAS E
DOS DESAFIOS SANITÁRIOS**

41

Caderno CTPEC - Inseminação de Ovelhas por Laparoscopia

29

CADERNO SIA
Muito Potencial, Pouco Resultado: Por que a Integração ainda não Entrega tudo que Promete?

45

Caderno ENCORTE - Eficiência Alimentar em Novilhos Hereford: O Consumo Residual de Alimento Impacta a Qualidade da Carne?

INCREMENTO DA PRODUÇÃO PECUÁRIA ATRAVÉS DA FERTILIZAÇÃO DE PASTAGENS

Entender as necessidades do solo e trabalhar com a adubação específica pode ser o investimento de maior retorno na pecuária

Foto: Rodrigo Zago Fagundes

Textos e Edição: Rodrigo Zago Fagundes e Equipe PecuariaSul

A pecuária de corte brasileira é destaque no cenário mundial. Somos o maior produtor e maior exportador de carne bovina do mundo. Nossa pecuária não é só gigante, temos uma característica muito importante que nos difere dos demais "players" relevantes do mercado mundial – produzimos essencialmente à base de pasto.

O mundo necessita cada vez mais por demanda de alimentos, inclusive carne bovina, nós pecuaristas e técnicos envolvidos trabalhamos para suprir a oferta deste produto no mercado através do aumento da produtividade e nos parece bastante razoável afirmar, que produzir mais pasto e com melhor qualidade é o caminho a ser percorrido.

O Brasil possui cerca de 177 milhões de hectares de pastagens segundo a última estimativa da EMBRAPA (abril/24). A mesma fonte afirma que 60% desta área possui degradação em algum nível, o que corresponde a cerca de 106 milhões de hectares (40% apresentam médio vigor vegetativo e sinais de degradação e 20% apresentam baixo vigor vegetativo, entendida como degradação severa). Isso é muita coisa!

Para comparar, segundo a consultoria Safras & Mercado, o Brasil plantou 47,36 milhões de hectares de soja e 20,87 milhões de hectares de milho nesta safra 24/25. Para efeitos de comparação, nossa área de pastagens degradadas é 55% maior do que a áreas que cultivamos com soja e milho. Somos os "gigantes" das pastagens mal aproveitadas.

Nos encontramos numa encruzilhada onde existem dois caminhos principais. O primeiro é o caminho de aumentar a produtividade do pasto.



Rodrigo Zago Fagundes

é Zootecnista, Mestre em Produção Animal e Sócio na SEG Agronegócios.

Isso viabiliza economicamente a produção pecuária em áreas anteriormente degradadas. O segundo seria destinar estas áreas degradadas para a produção agrícola, o que colocaria mais pressão ainda sobre os que decidiram pelo primeiro caminho.

ANALISAR É O PRIMEIRO PASSO

Produzir pasto requer uma sequência de ações que necessitam um planejamento prévio, do solo ao primeiro pastejo. O solo é a base de todo o sistema, entender suas principais qualidades e deficiências é fundamental para que se tenha sucesso.

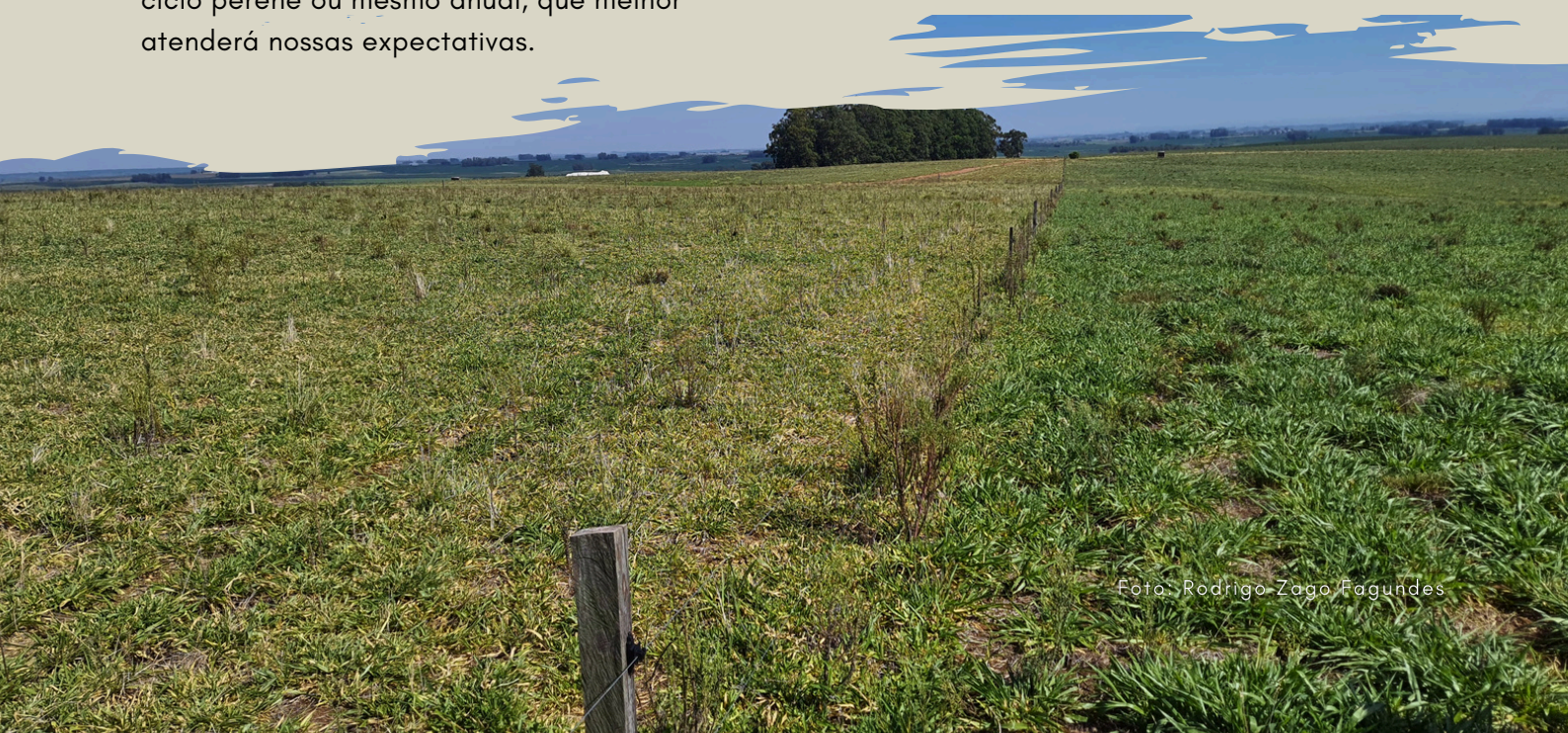
O primeiro passo para o estabelecimento de forrageiras é realizar uma coleta de solo representativa. Em pastagens é indicado a coleta de 0-20cm profundidade. Os principais pontos a serem discutidos, com a análise de solos em mãos, são a disponibilidade macro e micro minerais, níveis de deficiências ou toxidez de nutrientes, necessidades para calagem e indicações adequadas para os níveis de adubações de base e de cobertura. Costumamos salientar que o solo é um financiamento de longo prazo. Levamos muitos anos para alcançar as condições ideais e esse custo, até chegarmos a níveis satisfatórios de nutrientes, deve ser extraído da produção dessas áreas.

Após as devidas manutenções na fertilidade do solo partimos para definição da espécie e variedade forrageira. Devemos ser criteriosos nessa escolha, com entendimento específico do sistema de produção e com claros objetivos desse cenário produtivo. O Brasil possui uma grande diversidade climática e conhecer o ambiente onde estamos implantando um novo cultivar é fundamental para sua adaptação. Entendendo esse contexto é que podemos escolher mais assertivamente a genética forrageira, seja de ciclo perene ou mesmo anual, que melhor atenderá nossas expectativas.

DO PLANTIO AO PRIMEIRO PASTEJO

Os métodos de plantio evoluíram muito nos últimos anos, porém, o acesso à implementos de qualidade ainda não é realidade para todos. Em muitos casos a implantação é realizada ainda pelo modelo convencional, sendo indicado nesse contexto, o controle de plantas daninhas com herbicidas específicos na pré-semeadura.

A semeadura em linha seja com dosagem pneumática ou através de rotor é o modelo ideal para um ótimo estabelecimento, pois nesse caso, a semente incorporada entre 1 a 3 centímetros de profundidade terá o ambiente perfeito para sua germinação. Em paralelo, falando sobre sementes é importante buscar produtos tecnológicos, incrustados com tratamentos de fungicidas e inseticidas, afim em garantir uma segurança inicial contra-ataques de pragas, além de melhorar a plantabilidade e garantir condições ótimas de germinação.



O primeiro pastejo é a síntese do sucesso de uma boa implantação, mas devemos ser criteriosos nessa fase. As plantas forrageiras possuem o chamado Índice de área foliar (IAF), que é a relação entre a área das folhas e a área do solo que elas cobrem. Em tese, quanto maior o IAF maior é a capacidade de crescimento da planta até chegar no ponto crítico que é quando a massa de folhas não permite que a luz do sol chegue na parte de baixo da planta, o que tecnicamente chamamos de Interceptação Luminosa (IL), que não deve ser maior que 95%.

Em resumo, quando as folhas de cima impedem totalmente a entrada de luz na parte de baixo da planta, o desenvolvimento da mesma começa a ser prejudicado, o que ressalta a importância de um acompanhamento técnico e criterioso para colhermos o máximo resultado da pastagem.

FERTILIZAÇÃO DE PASTAGENS

Um ecossistema forrageiro nada mais é do que um grande processo de circulação de nutrientes, onde as plantas precisam ter suas necessidades atendidas para completarem seu ciclo de vida. O carbono, o oxigênio e o hidrogênio constituem em média 96% da massa seca das plantas, os demais nutrientes, cerca de 4%, são classificados como macro e micronutrientes. Numa linguagem prática, nitrogênio(N), potássio(K), cálcio(Ca), magnésio(Mg), fósforo(P) e enxofre(S) são classificados como macronutrientes e tem funções principalmente estruturais. Já os micronutrientes atuam principalmente em funções regulatórias ou hormonais das plantas e se apresentam em micro concentrações, sendo eles principalmente cloro(Cl), ferro(Fe), boro(B), manganês(Mn), zinco(Zn), cobre(Cu), níquel(Ni) e molibdênio(Mo).

A maior parte dos solos brasileiros possuem baixa fertilidade, não atendendo as necessidades essenciais para o pleno desenvolvimento das plantas forrageiras e o equilíbrio de nutrientes é o principal fator para que a planta possa expressar seu potencial de produção.

Trate seu pasto como lavoura! Você já deve ter escutado essa frase. Ela faz muito sentido porque nos inspira a pensar que devemos investir em fertilização e manejo para o máximo desenvolvimento das forrageiras, assim como se faz geralmente na produção de grãos.



Foto: Rodrigo Zago Fagundes

No entanto, é fundamental que se compreenda além das necessidades específicas de nutrientes das forrageiras, mas também sobre seu ciclo de produção plurianual na maioria dos casos, e ainda sobre sua colheita (realização do resultado), que em nada se parece com a produção de grãos. Este entendimento é principalmente, o que determina o resultado financeiro do processo produtivo. A famosa relação custo/benefício deve ser encarada de maneira específica quando o assunto é fertilização de pastagens e podemos explicar de maneira prática o que podemos fazer na busca de melhores resultados.

Otimização do Benefício – Quando entendemos que as pastagens (plurianuais) necessitam de nutrientes sendo aportados por longos períodos produtivos, devemos dar preferência a utilização de fertilizantes de solubilidade mais lenta, ou seja, que aportem o nutriente específico através dos anos e não durante poucos meses como os fertilizantes químicos tradicionais que são super solúveis.

Otimização do Custo – O fósforo (P) é sem dúvidas o nutriente mais impactante em custo no momento da implantação ou mesmo reforma de uma área de pastagem. A utilização de fosfatos naturais ou fosfatos de rocha adequados (próximo tópico) pode trazer uma grande redução no custo deste nutriente quando comparamos com os fosfatos quimicamente processados como o super simples (SSP) ou super triplo (TSP). O nitrogênio (N) também gera um altíssimo impacto na produção forrageira sendo o principal nutriente das adubações de cobertura e manutenção. Neste caso, devemos considerar os avanços na área de biotecnologia que tivemos nos últimos anos e começarmos a considerar a pulverização com bactérias específicas para a fixação deste nutriente do ar para a planta. Já são muitos os trabalhos comprovando a eficiência produtiva e econômica dos produtos biológicos e estamos preparando um artigo somente sobre o tema para as próximas edições.



FOSFATO NATURAL REATIVO

Os fertilizantes minerais fosfatados em geral, tem sua origem nas rochas fosfáticas. Que depois de mineradas e moídas passam por uma reação com ácido sulfúrico para a extração do P, que sai na forma líquida (ácido fosfórico) com concentração e solubilidade padronizadas para a sequência do processo na indústria.

As rochas fosfáticas são exploradas em jazidas ao redor do mundo e sua concentração de P é variável assim como sua solubilidade. Os fosfatos Naturais Reativos (FNR), nada mais são do que rochas fosfáticas que possuem maior concentração e reatividade (que se traduz em solubilidade no solo) em relação as rochas comuns. Por isso, podem ser utilizados diretamente como fertilizantes, especialmente em solos ácidos, onde a própria acidez do solo age para liberar fósforo de forma gradual e eficiente para as plantas.

Características Principais:

Origem: O FNR é extraído de depósitos de rochas fosfáticas sedimentares, que sofreram a ação das intempéries por milhares de anos.

Reatividade: O termo "reativo" refere-se à sua solubilidade em soluções ácidas, como o citrato de amônio neutro ou ácido cítrico, o que indica sua capacidade de liberar fósforo assimilável pelas plantas.

Isso o diferencia os FNR de fosfatos naturais menos solúveis que não tem efeito viável para a utilização direta como fertilizante.

Composição: Contém fósforo (P_2O_5) em concentrações que variam de 20% a 40%, dependendo da fonte, além de cálcio e micronutrientes como magnésio e enxofre.

Uso: É uma alternativa aos fertilizantes fosfatados solúveis industrializados, como o superfosfato simples ou triplo, sendo mais econômico e ambientalmente amigável.



Foto: Rodrigo Zago Fagundes

Braford Sereno - São Sepé/RS

Vantagens:

Sustentabilidade: Por ser menos processado quimicamente, sua produção gera menor impacto ambiental.

Liberação gradual: Ideal para culturas de longo prazo, pois o fósforo é liberado lentamente, reduzindo perdas por lixiviação.

Eficácia em solos ácidos: Em solos com pH baixo (comum em regiões tropicais), sua solubilidade aumenta, tornando-o mais eficiente.

O fosfato natural reativo pode e deve ser utilizado nos sistemas forrageiros brasileiros, por tudo que mencionamos acima.

Sua utilização ainda é muito baixa, pois a indústria é muito mais demanda pela produção de fertilizantes solúveis voltados à produção de grãos.

A importância das pastagens para a pecuária nacional é inquestionável, devido ao seu custo de produção relativamente baixo. O uso de insumos específicos e tecnológicos vem ganhando cada vez mais espaço em relação aos insumos de utilização mais genérica, visando sempre a potencialização do sistema produtivo com estratégias de manejo para a produção de pasto.

O resultado se reflete no aumento da fixação de carbono (só aqui dá para escrever outro artigo), e no incremento do resultado técnico e econômico da produção pecuária.

NUTRIÇÃO ANIMAL DE RESULTADOS



O DESEMPENHO COMEÇA COM A NUTRIÇÃO

A alimentação representa o maior custo na produção animal. Optar por ingredientes de alta qualidade, com a melhor relação custo-benefício, é essencial para maximizar a produtividade e a rentabilidade.

Escolha Phosmix: mais eficiência e mais resultados.

Vilomix - Especialista em nutrição animal.
Entre em contato e saiba mais!

 vilomix.com.br  [@vilomixbrasil](https://www.instagram.com/vilomixbrasil)

Vilomix
Cultivating Value



Foto: Equipe Costeira

EFEITOS DA SOMBRA NOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE BOVINOS DE CORTE

Equipe Costeira - Desenvolvimento Pecuário

A pecuária de corte é uma atividade econômica de grande relevância em nosso estado, bem como no país como um todo. Assim sendo, toda a cadeia produtiva, incluindo técnicos, pesquisadores, indústria etc., busca formas de melhorar o desempenho econômico da operação pecuária, que enfrenta dificuldades na geração de lucros desde o início do plano real.

Pensando em produzir de forma mais eficiente do ponto de vista econômico, os sistemas de produção intensivos a pasto têm se mostrado boas alternativas, especialmente pela menor dependência de insumos externos e pela aptidão natural que nosso país apresenta, esbanjando recursos hídricos, grandes extensões de terras e, com excelência, altos índices de radiação solar.

Das cabeças de bovinos abatidas no Brasil, cerca de 84% foram criadas e terminadas exclusivamente em pastagens, principalmente pastagens tropicais. Entretanto, apesar da carne produzida a pasto ser um diferencial qualitativo, principalmente para o mercado externo, a ação dos efeitos climáticos sobre os animais condiciona-os a situações alarmantes de desconforto térmico, principalmente devido a constante exposição a elevados níveis de radiação solar durante grande parte do ano (PORFÍRIO DA SILVA, 2003; KARVATTE JUNIOR et al. 2016).

Quando pensamos em bovinos de origem europeia, menos aclimatados ao clima subtropical encontrado nos estados do sul do país, esta situação se intensifica ainda mais.

Em termos de mudanças nos hábitos dos animais, prolongados períodos de exposição a altas temperaturas e baixa umidade relativa do ar forçam os animais a buscar formas de reduzir os níveis de desconforto. Uma das consequências é o menor consumo de forragem, seguido por um declínio na secreção de hormônios, com o intuito de diminuir os processos de produção de calor resultantes da digestão e metabolismo (NARDONE et al., 2010; VAN LAER et al., 2015).

Em geral, animais em situação de desconforto térmico pastejam menos, bebem mais água e caminham mais, sendo que este último fator acarreta maior gasto de calorias e maior deterioração das pastagens por pisoteio excessivo. Na prática, existem sinais visíveis de que os animais estão em situação de desconforto, como por exemplo, permanecer deitados por períodos superiores ao normal, consumo de água frequente, agrupamento dos lotes nos extremos dos

piquetes e, talvez o comportamento mais claro, muitos animais “espremidos” sob uma área de sombra extremamente pequena, cena comumente observada durante os dias quentes e ensolarados.

Analisando as bases científicas disponíveis, com o intuito de embasar este artigo, destaca-se o experimento conduzido por Giro et al. (2019) no qual observaram que bovinos Canchim apresentaram melhor aproveitamento das atividades de pastejo em sistemas em integração lavoura-pecuária-floresta, com redução de até 23% no consumo de água, em relação ao sistema sem árvores. Domiciano et al. (2016) observaram que o tempo dedicado a ruminação foi de 3,6% no sol e 20% na sombra, ou seja, até mesmo o tempo de ruminação, que impacta diretamente na eficiência e conversão alimentar, foi melhor em sistemas que permitiam melhores situações de conforto térmico aos animais.



Foto: Equipe Costeira

Em contrapartida, Patrícia Aparecida Cardoso Da Luz, em sua tese de doutorado (2017), avaliou o desempenho e as características da carcaça e carne de 60 bovinos da raça Nelore terminados em SIPAs (Sistemas Integrados de Produção Animal), sem disponibilidade de sombra (integração lavoura-pecuária: ILP) e com duas densidades de árvores (integração lavoura-pecuária-floresta: ILPF, com 196 árvores/ha e 448 árvores/ha). Neste estudo, conclui-se que a introdução das árvores na pastagem não interfere no desempenho, nas características de carcaça e na composição e qualidade física e microbiológica da carne dos bovinos Nelore. Obviamente, animais de raças mais aclimatadas aos trópicos, como os Zebuínos, não sofrem com os efeitos do calor da mesma forma que animais de raças europeias.

Contudo, parte significativa do rebanho bovino de corte presente no sul do país é de origem europeia (animais puros e cruzados). Logo, quando falamos em conforto térmico visando melhora no desempenho animal, temos duas opções: trabalhar com animais mais aclimatados (zebuínos e cruzados) ou fornecer condições mais amenas para os rebanhos menos aclimatados, dado que a ciência e a prática mostram que aumentar a oferta de sombra é uma forma simples de melhorar o desempenho destes animais sem aumentar os custos de produção. Afinal de contas, fazer o básico bem feito, isto é, ajustar a oferta de forragem, fornecer água limpa em bebedouros, melhorar as condições básicas de bem-estar animal e tratar a gestão financeira da fazenda de forma profissional são as bases de um sistema de produção eficiente e rentável.

REFERÊNCIAS

- DOMICIANO, L. F.; MOMBACH, M. A.; CARVALHO, P.; DA SILVA, N. M. F.; PEREIRA, D. H.; CABRAL, L. S.; LOPES, L. B.; PEDREIRA, B. C. Performance and behaviour of Nelore steers on integrated systems. *Animal Production Science*, 2016. <http://dx.doi.org/10.1071/AN16351>.
- GIRO, A.; PEZZOPANE, J. R. M.; BARONI JUNIOR, W.; PEDROSO, A. F.; LEMES, A. P.; BOTTA, D.; ROMANELLO, N.; BARRETO, A. N.; GARCIA, A. R. Behaviour and body surface temperature of beef cattle in integrated cro-livestock systems with or without tree shading. *Science of the Total Environment*, v.684, p.587-596, 2019.
- KARVATTE JUNIOR, N.; KLOSOWSKI, E. S.; ALMEIDA, R. G. de; MESQUITA, E. E.; OLIVEIRA, C. C. de; ALVES, F. V. Shading effect on microclimate and thermal comfort indexes in integrated crop livestock-forest systems in the Brazilian Midwest. *International Journal of Biometeorology*, v.60, p.1-9, 2016. DOI 10.1007/s00484-016-1180-5.
- LUZ, P. A. C. da. Desempenho na terminação e qualidade da carcaça e da carne de bovinos criados em sistema agrossilvipastoril. 217, 213f. Tese (Doutorado em Zootecnia) – Universidade Estadual Paulista – Botucatu, SP.
- NARDONE, A.; RONCHI, B.; LACETERA, N.; RANIERI, M. S.; BERNABUCCI, U. Effects of climate changes on animal production and sustainability of livestock systems. *Livestock Science*, v.130, p.57-69, 2010. doi: 10.1016/j.livsci.2010.02.011
- PORFÍRIO-DA-SILVA, V. Sistemas silvipastoris no Mato Grosso do Sul. Para que adotá-los? In: SEMINÁRIO SISTEMAS AGROFLORESTAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, 2003, Campo Grande, MS. Palestras... Campo Grande: Embrapa Gado de Corte; Dourados: Embrapa Agropecuária Oeste; Corumbá: Embrapa Pantanal, 2003. 1 CDROM. p. 1-13.
- VAN LAER, E.; MOONS, C. P. H.; AMPE, B.; SONCK, B.; VANDAELE, L.; DE CAMPENEERE, S.; TUYTENS, F. A. M. Effect of summer conditions and shade on behavioural indicators of thermal discomfort in Holstein dairy and Belgian Blue beef cattle on pasture. *Animal*, v.9, n.9, p.1536-1546, 2015.



**VOCÊ
PRECISA
DE LEITE**

**ELAS
PRECISAM DE
ACTIVE
TAG**

Monitore a saúde e cio do seu rebanho na palma da sua mão com um app no seu celular.

VISITE NOSSO SITE:
LIVESTOCK.DATAMARS.COM
NOS SIGA NO INSTAGRAM:
[@DATAMARS_BRASIL](https://www.instagram.com/DATAMARS_BRASIL)



NOS CHAME
NO WHATSAPP



CONTROLE DE PRECOCIDADE NA BUSCA DE ANIMAIS MAIS EFICIENTES

Cássio C. Brauner - Prof. Associado Departamento de Zootecnia - FAEM - UFPel

Eduardo Schmitt - Prof. Adjunto Departamento de Clínicas Veterinárias - FAVET - UFPel

Kauani Borges Cardoso - Estudante de Doutorado em Zootecnia - PPGZ - FAEM - UFPel

Tatiane Marques - Estudante de Graduação em Zootecnia - FAEM - UFPel

NUPEEC HUB UFPel - Núcleo de Pesquisa Ensino e Extensão em Pecuária da Universidade Federal de Pelotas/RS.



Nos sistemas de produção de bovinos de corte geralmente um dos grandes atrativos para técnicos e produtores é o peso vivo animal, o que está diretamente relacionado ao tamanho do animal. Em diversos momentos na história, tipos animais, raças e cruzamentos ganharam popularidade mediante a altos pesos (principalmente no abate) e grandes tamanhos, o que em diversos momentos virou manchete de exposições de gado.

No entanto, com o avanço da pecuária moderna, discussões a respeito de eficiência biológica e econômica, a busca tão somente por tamanho animal e peso vem perdendo o foco.

Com isso, há uma necessidade de maior controle, de relacionar determinados pesos com a velocidade (tempo) para se alcançar estes, como se fossem pontos de checagem, pois assim é possível mensurar o desempenho da fazenda, os manejos empregados e fazer a seleção.

Curva de crescimento de bovinos

Atualmente a maioria dos produtores busca animais de tamanho moderado (frame médio), os quais apesar de não demonstrarem os maiores pesos ao abate ou na idade reprodutiva, apresentam índices produtivos condizentes com os sistemas de produção a pasto realizados no estado do Rio Grande do Sul.

Como anteriormente apresentado na Revista PecuariaSul (edição 17), a curva de crescimento de bovinos de raças britânicas (Angus/Hereford) permite que a puberdade seja alcançada ao redor dos 12-14 meses de idade sendo que a inflexão da curva em direção a maturidade começa ao redor dos 24 meses até alcançar um platô por volta dos 30.

Contudo, há uma necessidade de manutenção de controle na busca de reprodutores que determinem animais de um tamanho moderado, mesmo em raças menores.

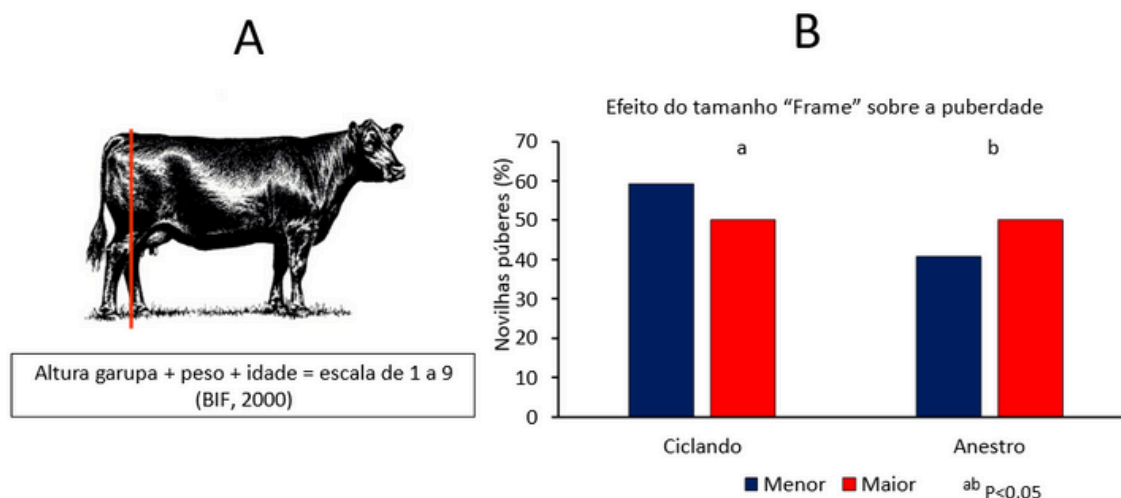


Figura 1 - Medida de frame em bovinos (A) e desempenho de novilhas de corte (B) de dois frames diferentes (maior ou menor) no início do acasalamento.

A seleção por tamanho dos animais muitas vezes pode ser algo que naturalmente ocorra em uma fazenda que busca nas suas terneiras fazer a reposição das suas matrizes. Assim, no momento do desmame é natural levar em consideração não somente o peso das terneiras, mas o tamanho para que estas sejam selecionadas. No entanto, maior peso e tamanho poderão acarretar a mesma tendência em outros momentos chave, como no primeiro acasalamento. Na Figura 1 é demonstrado como se deve realizar a medida de frame em bovinos (A), bem como uma comparação de novilhas púberes de mesma raça, porém com tamanhos diferentes (maior ou menor) no início do acasalamento (B). Nota-se que 60% das novilhas consideradas menores já havia alcançado a puberdade no início do acasalamento (Menezes et al., 2009).

Como devemos medir a precocidade?

Em bovinos de corte entendemos como precocidade a velocidade de crescimento e ganho de peso, sendo geralmente utilizado para isso o ganho médio diário (GMD) entre momentos diferentes. Como exemplos bem usuais, é a medida deste ritmo de crescimento entre o nascimento e o desmame (excelente método para estimar a habilidade materna das matrizes), entre a desmama e o primeiro acasalamento (período de recria das fêmeas) e entre a desmama e o início da terminação (recria de machos).

Para que não haja interferência nas questões de mudanças nos padrões de tamanho de um determinado rebanho e ser condizente com as eficiências biológicas e econômicas, há a necessidade de medir precocidade considerando-se o tempo para se alcançar um determinado peso. Por exemplo, para se medir o desempenho e precocidade durante a pré-desmama, pode-se calcular o número de dias para se alcançar os 180 kg.

Para se mensurar a precocidade na recria de fêmeas, pode-se mensurar o número de dias para se alcançar os 300 kg e na recria de machos mensurando-se o número de dias para se alcançar os 320 kg, antes de ir para a terminação. A estes pontos de controle podemos atribuir o conceito de **Precocidade de Crescimento**, uma vez que o grande objetivo é controlar o desenvolvimento dos animais em um dado momento buscando-se uma velocidade de ganho de peso maior possível, demonstrando assim uma grande eficiência.

Considerando-se ainda os efeitos do tamanho adulto do animal, é importante ressaltar que este está muito relacionado à **Precocidade Sexual**. Em outras palavras, quanto maior o peso adulto, mais tempo para se chegar aos 65% de peso em relação a este e, conseqüentemente, à puberdade.

A precocidade sexual apresenta uma moderada herdabilidade ($h^2 = 0,42$), demonstrando assim que iniciativas para a seleção de animais mais precoces terão retorno para o rebanho. Com isso, ao se selecionar com base na idade ao primeiro parto das matrizes ou mais diretamente através do perímetro escrotal, que também possui moderada herdabilidade ($h^2 = 0,46$), são possíveis ferramentas para acelerar e controlar a precocidade sexual em um rebanho. Ainda, considerando este movimento de redução nas idades a puberdade e de primeiro acasalamento, uma consequência direta na fazenda é um salto no desfrute anual. Um exemplo é uma fazenda de ciclo completo onde o primeiro parto se dá aos 36 meses, o desfrute está ao redor de 20%. No entanto, se esta mesma fazenda optar por reduzir a idade ao primeiro parto para os 24 meses, o desfrute salta à faixa de 40%. Demonstrando assim, a influência direta da precocidade sexual na eficiência de produção em bovinos de corte.

A **Precocidade de Terminação** busca reduzir o tempo de crescimento animal até o término da deposição de gordura na carcaça. Avalia também características diretamente relacionadas com a qualidade em acordo com o mercado consumidor, como área do olho de lombo e gordura intramuscular (marmoreio).



Assim, esta precocidade avaliada de diferentes formas, visa expressar em dias para chegar a um determinado estado de acabamento (deposição de gordura subcutânea). Hoje em dia busca-se cada vez mais realizar avaliações de carcaça e de composição de tecidos no animal ainda antes do abate. Apesar de ainda serem realizadas avaliações visuais com técnicos bem treinados, para atribuições de escores de musculosidades e de engorduramento, a utilização de ultrassonografia talvez seja a ferramenta que mais tem ajudado na avaliação destas características nos últimos tempos, impulsionando assim os resultados dessas avaliações para utilização por produtores e selecionadores, transformando variáveis antes discretas para numéricas, o que facilita o entendimento e eventual seleção.

Direcionamento futuro

Considerando todo o potencial genético que temos nas raças produzidas no RS, bem como a melhoria nas condições nutricionais que hoje em dia, por causa de integração com as diferentes lavouras, propiciam a utilização de boas pastagens o ano inteiro, é inegável que não se deve mais realizar seleção de bovinos de corte de acordo apenas com o peso e o tamanho dos animais. É necessário (e os programas de melhoramento auxiliam bastante com ferramentas precisas) considerar o fator tempo nas medidas de seleção e buscar cada vez mais atingir precocidade animal em acordo com a qualidade do produto final (carcaça em bom estado de acabamento), gerando assim sistemas de produção mais eficientes.

Bibliografia consultada:

Menezes, L. M.; Brauner, C. C.; Pappen, F. G. ; Machado, J. P. M. ; Moraes, J. C. F.; Pimentel, M. A. Efeito do frame e da altura de garupa sobre o desempenho reprodutivo de novilhas Braford. Veterinária em Foco (ULBRA), v. 6, p. 116-120, 2009.



Foto: Cássio C. Brauner



RUA EDMUNDO BISCHOFF, N° 150 - RESTINGA SECA/RS

FONE: (55) 99973 6603



ATENDENDO A REGIÃO CENTRO DO RIO GRANDE DO SUL COM TODA A LINHA DAS MARCAS:

decoy



BRASÃO DO PAMPA



Cabanha Primavera é 1º lugar na PAC

A Associação Brasileira de Hereford e Braford (ABHB) e a Embrapa Pecuária Sul receberam criadores e entusiastas das raças Hereford e Braford, no Dia de Campo PAC e PEA, nos campos da Embrapa Pecuária Sul, em Bagé (RS). O evento foi marcado pela apresentação dos animais vencedores da Prova de Avaliação a Campo (PAC) e Prova de Eficiência Alimentar (PEA) da edição 2023/2024, os quais demonstraram excelência em suas respectivas categorias. Estas avaliações geram informações importantes que permitem aos produtores selecionarem reprodutores jovens que atendam às necessidades de melhoramento dos rebanhos. A prova é uma importante ferramenta da ABHB em parceria com o Polo de Excelência Genética para raças Taurinas (PoloGen), da Embrapa Pecuária Sul com foco no melhoramento genético contínuo das raças.

E com muito orgulho, a Cabanha Primavera recebeu o primeiro lugar na PAC com o animal G040, e também conquistou o segundo lugar com o reprodutor G029.

Obrigado a todos os envolvidos!

Referência Textual da Jornalista Lauren Brasil / Fonte: Associação Brasileira de Hereford e Braford (ABHB) e Embrapa Pecuária Sul



Cabanha Primavera

BRAFORD | SÃO PEDRO DO SUL | RS

Fone: (55) 99901.0022 @braford_primavera

OS AGRONAUTAS: VOZES UNIDAS PELA PECUÁRIA!



Um podcast em defesa da pecuária. Desmistificamos o mundo do agronegócio e trazemos assuntos relevantes de uma maneira leve e descontraída. Nos escute no Spotify, YouTube, e Deezer. **Escaneie o QR CODE para acessar as nossas redes, ou nos encontre direto no Instagram em @osagronautas!**



Spotify



YouTube



DEEZER



@GANADOASSESSORIA



(51) 99884-8224 - Leonardo Canellas
(51) 99979-0615 - Marcos Almeida



www.ganado.com.br

Atendemos com diferentes frentes em mais de 15 municípios, desde Santa Catarina até o Uruguai. Além disso, a empresa atualmente conta com dois escritórios, um na fronteira-oeste, localizado em **Uruguai/RS** (Rua Santana nº 3397, sala 304) e outro em **Glorinha/RS**, na região metropolitana (Av. Dr. Pompílio Gomes Sobrinho, 23961).

DIAGNÓSTICO

PLANEJAMENTO
TÉCNICO-
FINANCEIRO

ASSESSORIA
PRODUTIVA

ASSESSORIA
FINANCEIRA

GERENCIAMENTO

PLANEJAMENTO
ESTRATÉGICO

TREINAMENTO
NADA NAS MÃOS



CONHECIMENTO
APLICADO AO CAMPO

Desde 2014

Há mais de 16 anos trabalhando junto aos produtores

NOSSOS SERVIÇOS

CONSULTORIA TÉCNICA
PLANEJAMENTO AGROPECUÁRIO
ASSISTÊNCIA TÉCNICA E GERENCIAL
SERVIÇOS VETERINÁRIOS
CONTROLE BIOLÓGICO DE PRAGAS
PROJETOS DE FINANCIAMENTO
LICENCIAMENTO AMBIENTAL
GEORREFERENCIAMENTO DE IMÓVEIS RURAIS



ACESSE NOSSAS MÍDIAS SOCIAIS

WORLDWIDE GEOPLAN.AGR.BR/
@GEOPLANPECUARIA
/GEOPLAN.GPS
@GEOPLANCONSULTORIA



34º ENCORTE

SANTA MARIA - RS

30 e 31 de maio

WORLDWIDE
VITAL MARKETING

30 de maio Auditório Flávio Miguel Schneider Centro de Ciências Rurais UFSM
31 de maio Dia de Campo Braford Sereno. BR 392 Km 300, São Sepé-RS

PALESTRANTES



Jean Santos
MINERVA FOODS



Davi Teixeira
SIA BRASIL



Eduardo Condorelli
SENAR-RS



Douglas Parrillero
SALERO EMPÓRIO E
CHURRASCO



Aécio Flores
MAPA e ABCAR

O futuro da pecuária de corte, começa por você!



Foto: Equipe NESPro

RESILIÊNCIA DOS SISTEMAS DE CRIA NO PAMPA DIANTE DAS ADVERSIDADES CLIMÁTICAS E DOS DESAFIOS SANITÁRIOS

Carolina Decimo – Med.Vet., Mestranda do PPG-Zootecnia/UFRGS e Integrante do NESPro

Mariana Leão da Cruz – Acadêmica de Zootecnia/UFRGS, Bolsista Voluntária de Iniciação Científica do NESPro

Eduarda Rech Anhaia – Acadêmica de Veterinária/UFRGS, Bolsista Voluntária de Iniciação Científica do NESPro

Júlio Barcellos – Med. Vet., Prof. Titular do Dep. de Zootecnia/UFRGS e Coordenador do NESPro

O bioma Pampa, localizado predominantemente na metade sul do estado do Rio Grande do Sul, está no centro de uma profunda transformação nos seus sistemas produtivos na pecuária de corte. As mudanças climáticas têm conduzido às mudanças nas formas de produzir carne bovina, pois são evidentes as alterações que impactam a reorganização do sistema de produção, especialmente nos novos desafios impostos aos biotipos raciais, à sanidade, à alimentação e no manejo do gado. Isso têm desafiado, especialmente a resiliência dos sistemas de cria que se concentram nessa região.

O cenário atual combina estiagens severas, enchentes cada vez mais frequentes e picos de temperatura extremos, que comprometem tanto o ambiente natural quanto os índices zootécnicos. Além disso, a mudança no perfil de doenças e ectoparasitas exige atenção redobrada. Nesse contexto, torna-se fundamental repensar a organização dos sistemas de produção, com foco na prevenção, eficiência e adaptação. É importante ressaltar, que estamos tratando de um ecossistema natural pastoril, que mesmo afetado diretamente pelas adversidades climáticas, possui uma capacidade de resiliência e regeneração importantes para a manutenção da sua respectiva ambiência e sustentabilidade socioeconômica.

Os principais eventos climáticos extremos no Pampa têm sido a estiagem prolongada e as chuvas intensas em curtos períodos, que causam alagamentos e erosão do solo. A estiagem reduz a disponibilidade de forragem e a capacidade de suporte das pastagens naturais e até mesmo daquelas implantadas, enquanto as enchentes afetam a sanidade e também a logística e produção de forragem. As ondas de calor agravam ainda mais o estresse térmico nos animais, comprometendo o desempenho reprodutivo e aumentando a incidência de doenças.

Esse conjunto de fatores desorganiza profundamente os sistemas tradicionais de cria, com impacto direto no calendário de acasalamento, na taxa de prenhez e no desenvolvimento dos bezerros. A falta de previsibilidade climática dificulta o planejamento e aumenta os custos com suplementação, sanidade e manejo.

A base dos sistemas de cria no Pampa, o campo nativo, tem sofrido com degradação, sobrepastejo e falta de renovação. A dificuldade de manter a oferta de pasto durante o ano todo interfere no momento ideal de acasalamento, no estado corporal das matrizes e na repetição de prenhez.

Outro ponto sensível é o aumento de desafios sanitários. A elevação das temperaturas favorece o ciclo do carrapato, aumenta a pressão de infestações por vermes e pode elevar os riscos das clostridioses. Em muitos casos, as práticas de manejo não acompanharam essas mudanças, o que amplia os prejuízos. Diante desse cenário, a resiliência deve ser construída a partir de ações estratégicas e integradas nos pilares genético, nutricional, de manejo e saúde animal.

1. Genética Adaptada: A seleção de animais mais adaptados ao ambiente é fundamental. Características como pelagem mais curta, maior resistência ao calor e rusticidade devem ser priorizadas. O uso de cruzamentos bem planejados também pode trazer ganhos em adaptabilidade e fertilidade. Animais que não demonstram boa performance em condições de estresse climático ou sanitário devem ser descartados estrategicamente. A resistência ao carrapato já é uma realidade e precisa ser otimizada e ampliada nos rebanhos.

2. Planejamento Nutricional: Manter uma boa reserva forrageira é hoje uma das maiores garantias de estabilidade produtiva. Sistemas que contam com pastagens cultivadas e silagem garantem alimentação nos períodos críticos. A produção de feno em períodos de abundância de matérias que podem ser fenados é a principal oportunidade para a região. A suplementação estratégica na fase pré-desmama e a recria apresentam maior viabilidade bio-econômica.



Foto: Equipe NESPro

3. Manejo Reprodutivo Inteligente: Ajustar a estação de monta às novas condições climáticas é uma medida simples e eficaz. Antecipar ou retardar o acasalamento de acordo com a disponibilidade de pasto e conforto térmico reduz perdas reprodutivas. O uso da IATF (inseminação artificial em tempo fixo) permite concentrar partos em períodos mais favoráveis. A escolha adequada dos touros, com base em DEP 's que considerem fertilidade e adaptação, complementa a estratégia.

4. Sanidade sob Controle: O controle do carrapato exige maior atenção, com protocolos ajustados à realidade local e uso racional de produtos, que devem estar associados ao uso adequado de banheiros de aspersão e de imersão. A alternância de princípios ativos e o manejo estratégico dos poteiros auxiliará no sistema de controle do ectoparasita. O controle parasitário deve considerar o histórico da propriedade e ser intensificado nas categorias mais sensíveis. As verminoses e as clostridioses devem ser alvo de esquemas de vermifugação e vacinações de precisão, com base em calendário adaptado e produtos eficazes.

5. Modelo de Integração Lavoura-Pecuária (ILP): Ao promover a rotação de culturas e a presença de animais, a ILP aprimora a qualidade do solo, aumentando sua capacidade de retenção de água e resistência à erosão. A diversificação do sistema eleva a biodiversidade e reduz a vulnerabilidade a eventos climáticos extremos. Em propriedades que possuem sistema de cria, a integração lavoura pecuária pode ser uma ferramenta alternativa para aumentar a qualidade forrageira e ampliar a produtividade do rebanho, expressa pelo número de fêmeas prenhes e terneiros mais pesados ao desmame.

A transição que o Pampa enfrenta é inevitável, porém, os sistemas de produção podem se adaptar com inteligência e proatividade. A resiliência não depende apenas do clima, mas das decisões que os produtores tomam frente a ele. Sistemas mais diversificados, manejos ajustados à realidade climática e sanitária e atenção ao bem-estar animal são a base para seguir produzindo, mesmo em cenários adversos. O papel da assistência técnica, da pesquisa e das políticas públicas será fundamental para apoiar essa adaptação. Cabe aos produtores e técnicos construir soluções em conjunto, valorizando os recursos do bioma Pampa e garantindo que a pecuária de cria continue sendo uma atividade sustentável e rentável nesta região tão singular do Brasil.



ALTA VISTA | 

Gestão na Pecuária

Affectum: (51) 99629-9428



GANADO
ASSessoria Agropecuária Ltda.

Atm
agro

Affectum
gruppo

Caderno



MUITO POTENCIAL, POUCO RESULTADO: POR QUE A INTEGRAÇÃO AINDA NÃO ENTREGA TUDO QUE PROMETE?

Armando Barth Neto - Gerente Técnico SIA Brasil

Nos últimos anos, o Rio Grande do Sul tem passado por uma verdadeira transformação produtiva. A expansão do cultivo de soja, tem ampliado significativamente a área agrícola e, com ela, a oferta de alimento via pastagens de inverno.

Hoje, o estado planta cerca de 6,8 milhões de hectares de soja – um aumento expressivo em relação aos cerca de 5 milhões de hectares registrados em anos anteriores. Boa parte desse crescimento aconteceu justamente na metade sul, onde o cultivo da oleaginosa vem impulsionando também a introdução de forrageiras de inverno no sistema, no período de entressafra.

Essa nova realidade trouxe mais comida para o gado no inverno e abriu espaço para fortalecer a Integração Lavoura-Pecuária (ILP). No entanto, é um equívoco imaginar que essa disponibilidade, por si só, seja garantia de bom desempenho e uma pecuária mais produtiva.

Embora as condições atuais sejam melhores do que as de anos anteriores, onde houve, em algumas fazendas, quase que uma inversão da oferta forrageira, o inverno passou a ser o melhor momento para produção de pasto e o verão o limitante, porém o uso das pastagens de inverno segue, em muitos casos, subutilizado – **o que limita o verdadeiro potencial da integração.**

Com a chegada do outono, voltam à tona as discussões sobre as pastagens de inverno e o potencial da Integração Lavoura-Pecuária (ILP). Muito se fala sobre os benefícios dessa estratégia – e com razão.

Quando bem conduzida, ela pode trazer melhorias significativas para o solo, ganhos consistentes na pecuária e uma maior sustentabilidade ao sistema produtivo. No entanto, o que temos visto com frequência no campo é uma realidade bem diferente.

Em muitos casos, a integração é tratada como uma solução simples e barata, um meio de aproveitar o inverno sem grandes investimentos. A lógica é a seguinte: joga-se uma semente ou se estabelece um azevém por ressemeadura natural, quando se usa fertilizante, aplica-se uma ureia (geralmente até 2 sacos/ha) e coloca-se 1 ou 2 terneiros por hectare. Com um uso curto, de 90 dias, e animais ganhando em média 800 g/dia, a produtividade fica próxima de 145 kg de peso vivo por hectare. São ganhos significativos, mas perto do potencial é pouco e não é por acaso.

Além da baixa lotação e do tempo de uso limitado da pastagem, há o agravante do período ocioso: muitas áreas são entregues em setembro, mas o plantio da soja só acontece na sua maioria em novembro.

Ou seja, entre 30 e 45 dias de uma área que poderia estar produzindo, mas fica sem gado e sem lavoura. Isso representa uma perda significativa de produtividade em uma época em que o campo nativo ou as pastagens de verão não estão prontas o suficiente para receber os animais.

E por que os agricultores pedem essas áreas mais cedo? Em boa parte dos casos, porque recebem pastagens mal manejadas, rapadas, com pouca palha para semear a lavoura. Isso dificulta o manejo do solo e o plantio direto, levando o agricultor a antecipar o encerramento do pastejo para minimamente ter palha para semear as lavouras.

Esse tipo de integração, conduzida sem critério técnico, tende a trazer mais problemas do que soluções. É justamente esse modelo que desestimula muitos produtores a investirem em ILP. A imagem que fica é a de um sistema ineficiente, quando na verdade, o problema está na forma como ele é conduzido.

Existe, sim, um caminho para uma integração eficiente e lucrativa. Ele passa pela adoção de um modelo técnico, profissional e com visão de negócio. Uma ILP bem feita começa com uma pastagem bem implantada, utilizando sementes de qualidade e na época certa, adubação correta e planejamento do uso ao longo de todo o ciclo da pastagem.

Em sistemas mais bem manejados, conseguimos trabalhar com 4 a 5 terneiros por hectare. Com uma boa adubação e suplementação energética de baixo consumo, é possível ultrapassar 1 kg de ganho diário por animal.



Se estendermos esse uso por 150 dias, por exemplo, podemos ultrapassar com facilidade os 500 kg de peso vivo por hectare. Um número que muda completamente a produtividade e o resultado da operação.

Três pilares sustentam uma ILP de alta performance:

1. Alta taxa de lotação – pastagem bem adubada e manejada permite maior número de animais por hectare.
2. Ganhos diários consistentes – com bom manejo e se preciso, uma suplementação estratégica, é possível ultrapassar 1 kg de GMD por animal.
3. Período longo de pastejo – quanto maior o período de utilização do pasto, maior a produção e maior o retorno por hectare.

Além da produtividade direta da pecuária, há ganhos importantes no sistema como um todo: maior ciclagem de nutrientes, aumento de matéria orgânica, melhoria na estrutura física do solo, controle de plantas daninhas, maior cobertura vegetal e acúmulo de palhada para o plantio direto.

Mas para que isso ocorra, é preciso planejamento conjunto entre pecuarista e agricultor. O sucesso da integração depende de uma relação bem construída, onde ambos os lados entendam seus papéis, suas responsabilidades e os ganhos mútuos.

Outro ponto relevante é a escolha da forrageira. Azevém de ressemeadura até pode ter seu espaço, mas está longe de ser a melhor alternativa quando buscamos alta performance. O uso de cultivares melhoradas, de ciclo mais longo e adaptadas ao sistema e ao objetivo do negócio, permite maior capacidade de suporte, melhor aproveitamento da forragem e maior flexibilidade na gestão da área.

A adubação precisa acompanhar esse nível de exigência. Pensar em alta taxa de lotação exige também uma adubação compatível com o objetivo. Não dá para esperar alto desempenho com manejo nutricional de subsistência. Correção de solo, fósforo, potássio e nitrogênio precisam ser trabalhados estrategicamente, considerando a alta taxa de lotação e tempo de pastejo da área.



Da mesma forma, o encerramento do pastejo precisa ser planejado com antecedência e com critérios técnicos claros. Quando o manejo é bem conduzido, não há perdas para a cultura que vem na sequência – pelo contrário, há ganhos. Um dos objetivos do pecuarista, dentro da lógica do sistema integrado, é entregar ao agricultor uma palhada bem distribuída, com no mínimo 20 cm de altura, suficiente para garantir os benefícios esperados do plantio direto: maior retenção de umidade no solo, melhor controle de plantas daninhas e preservação da estrutura física do solo. Com esse manejo, é possível utilizar a pastagem até o limite técnico permitido pela agricultura, ou seja, até o final de outubro ou início de novembro, retirando os animais praticamente com as barras do pulverizador.

O planejamento das áreas de inverno não pode ser feito isoladamente. É preciso olhar o sistema como um todo, especialmente para modelos de negócio que atravessam estações, como recria e terminação, ciclo completo ou mesmo sistemas de cria mais intensivos. A transição entre o final do inverno e o início da primavera precisa estar desenhada com opções de suporte forrageiro imediato, seja com pastagens perenes de verão, anuais como sudão, milheto ou sorgo forrageiro, ou mesmo o bom e velho campo nativo melhorado bem manejado. ILP não é solução mágica. Mas com manejo técnico e visão de sistema, ela se torna uma ferramenta poderosa para aumentar a eficiência produtiva e econômica das propriedades. O que falta, na maioria das vezes, não é tecnologia – é conhecimento, intenção clara, modelo de negócio bem definido e execução com base técnica.

A pastagem de inverno não precisa ser apenas uma “boia” entre safras. Ela pode – e deve – ser um componente estratégico da produção. Quando bem feita, a integração lavoura-pecuária entrega exatamente aquilo que a pesquisa mostra e que os melhores produtores vêm colhendo a campo: **produtividade, rentabilidade e sustentabilidade.**

A decisão é sempre de quem toca o negócio. Mas quem optar por tocar a pecuária de forma mais profissional, com planejamento, técnica e foco em resultado, vai encontrar na ILP uma grande aliada para transformar o sistema produtivo.



**ESTE ESPAÇO ESTÁ
RESERVADO PARA
SUA EMPRESA.**



A Revista PecuariaSul vem se consolidando cada vez mais como fonte de informação técnica de qualidade, numa linguagem prática e objetiva para o produtor rural.

Traga sua marca para a PecuariaSul e atraia os olhares de milhares de produtores rurais que já acessam nossas publicações digitais e impressas!

**VENHA CONOSCO!
JUNTOS SOMOS MAIS
PECUARIASUL!**

**SOLICITE UM ORÇAMENTO
PELO NOSSO WHATSAPP**



51 999 77 08 41





Foto: Equipe Geoplan

ALTERNATIVAS DE MANEJO PARA AUMENTAR O DESEMPENHO EM PASTAGENS DE INVERNO

Cristiano Costalunga Gotuzzo - Geoplan Consultoria

Dentro do planejamento forrageiro, em uma pecuária de corte baseada em campo nativo, tínhamos uma grande oferta de forragem nos períodos de primavera/verão e um déficit alimentar no período do inverno. Com o aumento da área de soja em zonas de pecuária e a adesão ao sistema de integração lavoura pecuária muitas propriedades, hoje, possuem maior oferta de forragem no período do inverno, pela oferta de pastagens de inverno pós lavoura de soja.

As pastagens de inverno têm como característica a excelente qualidade nutricional, muitas vezes com um desbalanceamento entre energia e proteína.

Os sintomas mais comuns são diarreia e redução no ganho de peso, pelo excesso de proteína na dieta. Animais destinados ao abate frequentemente apresentam o fígado comprometido devido ao excesso de nitrogênio no sangue. Isso ocorre quando a alimentação é baseada em pastagens de alta qualidade, que possuem alto teor de proteína (acima de 20%) e baixo teor de fibra, causando um desbalanceamento na dieta.

Para minimizar esse impacto no desempenho animal, algumas estratégias podem ser adotadas. Alimentos ricos em fibras, que são fontes de energia, quando fornecidos aos animais, minimizam os efeitos causados pelo excesso de proteína e melhoram o desempenho em ganho de peso e acabamento de gordura.

Com isso, podemos utilizar feno de gramíneas, grãos ricos em fibras, suplemento proteico-energéticos e também estratégias de pastejo que melhorem o balanço nutricional.

Essas estratégias podem estar relacionadas a diferentes objetivos dentro do sistema produtivo, desde uma recria mais eficiente buscando uma maior produção de kg/ha, até uma engorda mais eficiente e mais rápida visando um preço de alta na curva anual de preços do novillo gordo.

A suplementação com feno de gramíneas sobre as pastagens de inverno permite que os animais equilibrem a dieta de forma natural, consumindo-o à vontade, ajudando a estimular a ruminação e a produção de saliva, o que é essencial para a saúde do rúmen. Essa suplementação ajuda no equilíbrio nutricional, reduzindo as perdas de peso no período de adaptação dos animais nas pastagens e melhora o desempenho geral do rebanho.

Outra fonte de energia é a suplementação com grãos (milho/farelo de arroz/casquinha de soja) ou com suplementos proteico-energéticos de autoconsumo que são uma excelente fonte de energia, e sua inclusão na

dieta dos bovinos também ajuda a equilibrar a relação entre proteína e energia. Quando os bovinos consomem pastagens ricas em proteína, a adição de milho fornece a energia necessária para que eles possam utilizar essa proteína de forma mais eficiente. Isso resulta em melhor ganho de peso e maior produção de leite.

Além disso, a suplementação com milho pode ajudar a evitar problemas digestivos que podem ocorrer quando os bovinos consomem apenas pastagens ricas em proteína, garantindo uma dieta mais equilibrada e completa. Assim, a combinação de pastagens ricas em proteína com grãos como o milho promove um melhor desempenho produtivo.

Atualmente, temos produtos formulados com inclusão de 0,1 a 0,8% do peso vivo com excelentes resultados, dependendo dos objetivos da categoria animal. Como exemplo, temos o resultado da inclusão de milho quebrado na proporção de 0,5% do peso vivo ao dia em novilhas de sobreano mantidas em pastagem de azevém. Essa suplementação proporcionou um ganho médio diário de 1,28 kg/cab/dia, comparado a 0,78 kg/cab/dia nos animais que consumiram apenas pastagem de azevém, um aumento de 64% no desempenho individual.

Essa estratégia pode ser importante dentro do planejamento financeiro da propriedade, uma vez que antecipa o acabamento de gordura dos animais, fazendo com que a comercialização possa ser realizada muitas vezes com 30 dias de antecedência fugindo dos piores momentos de venda de gado gordo no período final das pastagens de inverno.



Foto: Equipe Geoplan

Além da utilização de suplementação estratégica, podemos utilizar estratégias de manejo das pastagens a fim de restringir o tempo de pastejo. O pastejo horário melhora o aproveitamento da forragem permitindo que os bovinos consumam a forragem em seu ponto ideal de maturidade, o que maximiza a digestibilidade e a qualidade nutricional. Isso resulta em um melhor aproveitamento dos nutrientes, promovendo um ganho de peso mais eficiente. Uma das consequências é o aumento da produção por hectare, pois é possível aumentar a carga animal por hectare, resultando em maior produção de kg de peso vivo/ha. Esta ferramenta de manejo melhora o controle da altura de pastejo, permitindo que os produtores monitorem e ajustem a altura e a qualidade da forragem disponível, garantindo que os animais tenham acesso a uma dieta balanceada.

Com terneiros desmamados, a estratégia foi permitir acesso à pastagem de azevém por quatro horas na parte da tarde, mantendo-os no restante do tempo em campo nativo com carga ajustada. Esse manejo possibilitou maior lotação na pastagem e ganhos médios de 1,2 kg/cab/dia em 90 dias de inverno. O azevém forneceu a proteína necessária, enquanto o campo nativo, com maior teor de fibra, limitou o consumo excessivo de proteína.

Em um outro exemplo, com terneiras desmamadas com peso médio de 165 kg de peso vivo/ha, tendo acesso a pastagem de aveia e azevém por também quatro horas por dia no período da tarde, com uma lotação de 10 terneiras/ha, e o restante do tempo, apenas sombra e água a vontade, obtivemos um ganho médio diário de 0,7 kg/cab/dia, gerando uma produção de 7 kg/ha/dia, que em 120 dias de pastejo horário produziu 840 kg de peso vivo/ha. Uma alta produtividade com animais de recia, que serão futuras matrizes em um sistema dois anos, que não necessitam ter o melhor desempenho individual no primeiro inverno, apenas obterem um bom desenvolvimento corporal e reprodutivo.

Existem diversas ferramentas nutricionais visando o melhor aproveitamento das pastagens de inverno, momento crucial para o melhor desempenho da pecuária de corte nos diferentes sistemas produtivos. Podemos buscar estratégias para acelerar o processo e buscar melhores preços de vendas, ou restringir alimentação, manter desempenho moderado e aumentar o desempenho de kg de peso vivo/ha. **Para cada sistema, uma estratégia.**



O NOSSO DIA A DIA É LEVAR TECNOLOGIAS PARA O



Atendendo aos maiores grupos agroindustriais do Brasil e Mercosul, a **Nuctramix** desenvolve produtos especialmente formulados com tecnologia aplicada para suprir as necessidades nutricionais de Bovinos de Corte e Leite, Suínos, Aves, Pets, Peixes, Equinos e Ovinos, nas mais diversas idades, estados fisiológicos e de produção.

Contamos com uma equipe técnica formada por **médicos veterinários, agrônomos e zootecnistas** que além do desenvolvimento de produtos, indicam e orientam as melhores soluções para cada sistema de produção. Nosso time de representantes comerciais conta com profissionais técnicos que realizam visitas frequentes e oferecem suporte contínuo ao cliente. Isso garante um pós-venda de qualidade que resulta na fidelidade de nossos parceiros.



Siga-nos nas
redes sociais:



@nuctramix



nuctramix.com.br

CARNIVORE
PERFORMANCE

MEDEIROS
CARNIVORE ATHLETE

Caderno
CARNE E SAÚDE

ALESSANDRO MEDEIROS NA KEYS 100: SUPERAÇÃO E NUTRIÇÃO CARNÍVORA

Letícia Moreira – Nutricionista

A ultramaratona Keys 100, com seus desafiadores 160 km, se aproxima e promete ser mais uma etapa marcante na trajetória do ultra atleta carnívoro Alessandro Medeiros. Este evento, que acontece nas deslumbrantes Ilhas Keys, na Flórida, já foi palco de conquistas significativas para Medeiros. A primeira participação dele ocorreu durante a pandemia, em um momento em que as competições estavam paralisadas. Aos 50 anos, ele decidiu enfrentar o desafio pessoal de completar a distância, testando pela primeira vez os efeitos da dieta carnívora. Durante a prova, Medeiros se alimentou de fígado bovino desidratado e caldo de ossos, uma escolha que se mostraria fundamental para seu desempenho.

Em 2021, com o fim das restrições, Medeiros voltou à competição, agora acompanhado por outros atletas. Ele não apenas alcançou a sétima colocação geral, mas também garantiu o primeiro lugar em sua faixa etária.

Em 2023, ele subiu mais um degrau no pódio, conquistando o terceiro lugar geral. Este ano, Medeiros está se preparando intensamente, agora como atleta profissional, com uma estratégia composta por jejum de 24 horas, consumindo uma refeição diária composta por aproximadamente 1 kg de carne bovina e manteiga. Essa estratégia visa aumentar a produção de corpos cetônicos, além de ressaltar o poder nutricional da carne vermelha.

Os benefícios da carne em uma dieta carnívora são amplamente reconhecidos e se refletem diretamente no desempenho atlético de Medeiros. A carne é uma fonte rica em proteínas de alta qualidade, vitaminas do complexo B, especialmente B12, e minerais como ferro e zinco, essenciais para a recuperação e manutenção muscular. Além disso, a carne possui propriedades anti-inflamatórias e contribui para uma recuperação mais rápida do Medeiros entre um treino e outro.

Com a crescente popularidade da dieta carnívora, é importante destacar que essa abordagem nutricional não só pode melhorar o desempenho atlético, mas também promover um estilo de vida saudável. Recentemente, eu, nutricionista Letícia Moreira, lancei o curso "Dieta Carnívora" em parceria com o MFclass. Este curso visa educar e inspirar pessoas a adotarem uma alimentação que potencializa sua saúde e desempenho, e estaremos presentes em eventos importantes da pecuária, não apenas no Brasil, mas também na Bolívia.

Os desafios enfrentados por Alessandro Medeiros nas ultramaratonas e outras competições, especialmente na próxima Keys 100, não apenas destacam sua força e resiliência, mas também voltam os olhos do mundo para a discussão crucial sobre a importância do consumo de proteína animal.

A trajetória de Medeiros, que se alimenta exclusivamente de carne, serve como um poderoso exemplo na desmitificação de preconceitos em relação à pecuária e ao papel fundamental que ela desempenha na nutrição humana.

A pecuária é uma atividade essencial para alimentar uma população crescente, fornecendo não apenas proteínas de alta qualidade, mas também uma variedade de nutrientes vitais que são difíceis de obter em quantidades adequadas a partir de fontes vegetais. A carne é rica em aminoácidos essenciais, vitaminas e minerais que são cruciais para o desenvolvimento e a manutenção da saúde. Para atletas como Medeiros, essa fonte de energia e nutrientes é ainda mais vital, contribuindo para sua performance e recuperação durante competições desafiadoras. Além de seu papel nutricional, a pecuária também é uma aliada na promoção da saúde pública.

Estudos demonstram que uma dieta que inclua proteína animal, pode ajudar na prevenção de doenças crônicas, como diabetes e doenças cardíacas. A carne, quando consumida de maneira consciente e sustentável, não apenas apoia a saúde dos indivíduos, mas também promove o bem-estar coletivo. Portanto, ao contemplar os feitos de Alessandro Medeiros, é imperativo reconhecer a importância da pecuária não só como uma fonte de alimento, mas como um pilar fundamental para a saúde da população. À medida que a dieta carnívora ganha notoriedade, a necessidade de discutir e valorizar a pecuária se torna ainda mais evidente.

O exemplo de Medeiros ilumina o caminho para um futuro onde o consumo responsável de proteína animal pode ser um aliado na construção de uma sociedade mais saudável e consciente. Com isso, fica claro que a pecuária, além de atender a demanda alimentar, desempenha um papel vital na promoção da saúde pública, e o desafio de atletas como Medeiros é um convite para que todos reflitam sobre a importância de uma alimentação com proteína animal e a valorização do setor pecuário.



Alessandro Medeiros na Keys 100 de 2021.
Foto: Equipe Carnivore Performande

SEGUIMOS NO
TOPO



**Touros que mais registraram
filhos em 2024 nos USA.**



7AN743- CONNEALY

CRAFTSMAN

Sitz Resilient x Connealy Niobrara 5451



7AN528 - DEER VALLEY

GROWTH FUND

Basin Payweight 1682 x Plattermere Weigh Up K360

Caderno CTPEC



INSEMINAÇÃO DE OVELHAS POR LAPAROSCOPIA

Prof. Guilherme de Medeiros Bastos - Professor do curso de veterinária; coordenador do Laboratório de Reprodução e Obstetrícia Veterinária - Repropampa.

Muryan Figueiredo Scherer - Discente do curso de veterinária; estagiário do Repropampa.
Instagram @repropampa

A ovinocultura gaúcha essencialmente laneira, outrora vista como importante fonte de renda para os pecuaristas, passa por uma transição caracterizada pela especialização do rebanho na produção de lã fina (Merina) ou carne de cordeiro (diversas raças). A lã de raças consideradas duplo propósito tem sido pouco valorizada e até mesmo rejeitada pelo mercado. Apesar disso, são capazes de produzir cordeiros com boa qualidade sensorial da carne, mas não com a velocidade de ganho de peso e acabamento daqueles oriundos de raças especializadas para esta finalidade. Sendo assim, muitos ovinocultores têm adotado a introdução de carneiros de raças "carniceiras" em rebanhos com base "laneira".

Tem se notado a redução no número de cabanhas para produção de animais registrados e geneticamente superiores de raças laneiras e, ao contrário, um incremento no de animais registrados de raças carniceiras.

O objetivo das cabanhas é produzir e comercializar machos e fêmeas geneticamente superiores à média de cada raça a fim de melhorar a genética e a produção dos rebanhos comerciais. Para isso, os cabanheiros estão sempre em busca de carneiros com características fenotípicas (tipo racial) desejáveis e com "sangue" (genótipo; linhagem; origem genética) aberta, ou seja, não consanguínea em relação as matrizes do seu plantel. Carneiros com estas características tem alto valor comercial e muitas vezes precisam ser importados de outros países. Isso geralmente leva a formação de um condomínio de cabanheiros para a aquisição de um carneiro e a sua utilização em monta ou inseminação artificial, com sêmen fresco durante a temporada reprodutiva, fica limitada a apenas uma cabanha por vez (onde o carneiro está alojado). Não obstante outros problemas incidem sobre esta situação, como a entrega do carneiro magro, com sêmen ruim, lesionado etc., a outro parceiro/proprietário, limitando o seu uso naquela temporada reprodutiva, além da possibilidade de óbito (por qualquer motivo) e perda da genética e do investimento realizado.

O congelamento de sêmen é uma excelente alternativa para evitar estes problemas e tornar menos onerosa a introdução de uma nova genética nos plantéis, além de servir como “um seguro” do carneiro em caso de óbito. A técnica é relativamente simples e plausível de ser realizada a campo (na própria cabanha).

Outra alternativa seria adquirir sêmen congelado de outras cabanhas nacionais ou importar. Por outro lado, uma limitação surge com estas ações: o sêmen descongelado resulta em baixo resultado de prenhez (próximo a zero) quando utilizado na inseminação convencional, pela via vaginal ou cervical superficial, como é feita tradicionalmente. Alternativamente, o sêmen descongelado apresenta resultado aceitável de prenhez (média de 50%) quando as ovelhas são inseminadas pela técnica da laparoscopia.

A laparoscopia é mundialmente praticada para a inseminação de ovelhas com sêmen descongelado. Ela permite depositar o sêmen diretamente no interior do útero da ovelha, “encurtando caminhos” e possibilitando que um número adequado de espermatozóides adentre o oviduto e fertilize o óvulo. As ovelhas que serão submetidas à inseminação por laparoscopia devem ser, preferencialmente, submetidas à sincronização/indução deaios com hormônios da esfera reprodutiva. A inseminação artificial em tempo fixo (IATF) é realizada, em média, 54 horas após o término da aplicação dos hormônios. Com uma equipe experiente é possível inseminar 50 ovelhas em um turno, totalizando 100 animais ao dia.

A técnica consiste em conter a ovelha em decúbito dorsal (barriga para cima) em uma maca específica conforme demonstrado na foto abaixo. Após lavagem e antisepsia (lavagem com desinfetante) do ventre do animal, é feita anestesia local em torno de 5cm abaixo do úbere, em ambos os lados direito e esquerdo, onde é feita uma “pequena incisão” na pele com bisturi. Nestas “incisões” são introduzidos trocateres (cânulas) por onde passam o laparoscópio (ótica) e um aplicador de sêmen contendo a dose descongelada, sendo o aplicador recoberto por uma bainha plástica contendo uma agulhinha de insulina (pequena e fina) na ponta. Ao visualizar o útero, o inseminador encosta a referida agulhinha no órgão (útero) e ela penetra na “luz” (lúmen) do útero onde o sêmen é depositado. Feito isso, é realizado um ponto isolado simples com fio absorvível (não precisa ser removido) na pele onde foi anteriormente feita a pequena incisão e aplicado spray cicatrizante.



Foto: Equipe Repropampa

Os animais são liberados da maca e vão imediatamente para o pasto, seguindo o manejo normal da propriedade. O tempo médio decorrido entre a colocação da ovelha na maca, a inseminação e a liberação do animal é de 4 minutos. A laparoscopia não oferece riscos à vida nem ao trato genital da ovelha. O percentual médio de prenhez mundialmente aceito para esta técnica com sêmen descongelado é de 50%. Este percentual é semelhante ou pouco inferior ao obtido na monta natural do carneiro em um único cio. Geralmente o produtor contabiliza o resultado próximo a 100% de prenhez ao final da temporada reprodutiva ou com base na parição, mas neste caso as ovelhas já manifestaram vários cios e foram cobertas repetidas vezes (a cada cio) pelos carneiros. Sendo assim, 50% de prenhez na laparoscopia com sêmen descongelado “em apenas uma oportunidade de cio e ovulação” pode ser considerado um ótimo resultado.

A técnica da inseminação por laparoscopia tem sido “denegrada” por ovinocultores que tiveram baixos resultados de prenhez nas suas ovelhas, muitas vezes de forma repetida em múltiplas tentativas. É importante esclarecer que vários aspectos devem ser planejados e avaliados previamente a inseminação, como por exemplo, o estado nutricional e sanitário das ovelhas, a qualidade do sêmen descongelado, o protocolo hormonal adotado na sincronização de cios das fêmeas, a época escolhida para a inseminação, a raça (mais ou menos estacional), a experiência do(a) veterinário(a), dentre outros. Um erro frequente tem sido a eleição de ovelhas já prenhes (de forma indesejada) e desconhecida pelo ovinocultor, cujo diagnóstico é dado no dia da laparoscopia ao visualizar o útero. Por isso, é importante a realização da ultrassonografia para diagnóstico de gestação no momento da seleção das ovelhas, antes mesmo do protocolo hormonal.

Como desvantagem da laparoscopia pode-se citar o investimento por ovelha inseminada que envolverá o protocolo hormonal para sincronização de cios, a aquisição do sêmen congelado ou sua congelação na cabanha, a ultrassonografia para seleção das ovelhas e trinta dias após a inseminação (para saber o resultado de prenhez) e os honorários do(a) veterinário(a). Devido a isso, a inseminação por laparoscopia tem ficado limitada a cabanhas de animais com genética e valor agregados.

O laboratório de reprodução e obstetrícia veterinária da Unipampa (Repropampa) detém os equipamentos e expertise necessários para esta prestação de serviços como forma de extensão rural e nas suas atividades de pesquisa. Resultados acima de 80% de prenhez já foram obtidos com apenas uma inseminação por laparoscopia em diferentes lotes de ovelhas, assim como resultados abaixo de 50% quando algum fator influenciou negativamente e fugiu do controle do ovinocultor, como por exemplo, a verminose, manqueira e inseminação nos meses de verão (calor intenso). Por fim, a inseminação por laparoscopia também pode ser realizada com sêmen fresco ou refrigerado, inclusive com maior chance de prenhez, mas é especialmente eleita e exclusiva quando da escolha por sêmen congelado.



Foto: Equipe Repropampa



PRÓ PECUÁRIA

SOLUÇÕES PERSONALIZADAS

- **GESTÃO DE FAZENDAS**
- **AUMENTO DA EFICIÊNCIA**
- **IMPLEMENTO DE TECNOLOGIA**
- **PROJETO E ACOMPANHAMENTO DE CONFINAMENTO**
- **PLANEJAMENTO**
- **TREINAMENTO DE EQUIPE**
- **MAIS LUCRO NO NEGÓCIO**

AJUDAMOS VOCÊ A PRODUZIR MELHOR

@PRO.PECUARIA

Caderno

ENCORTE



EFICIÊNCIA ALIMENTAR EM NOVILHOS HEREFORD: O CONSUMO RESIDUAL DE ALIMENTO IMPACTA A QUALIDADE DA CARNE?

Estudo técnico-científico conduzido pelo INIA – Uruguai

Esse estudo foi realizado pelo INIA, no Uruguai, com foco em uma métrica cada vez mais valorizada na pecuária de corte: o Consumo Residual de Alimento (ou RFI, da sigla em inglês Residual Feed Intake), e apresentado na palestra pelo pesquisador **Santiago Luzardo**, no 33º ENCORTE, realizado no Universo Pecuária em Lavras do Sul/RS em 2024.

Num cenário em que o custo com alimentação representa a maior fatia das despesas de uma fazenda, entender quais animais são mais eficientes, ou seja, quais consomem menos ração sem comprometer o desempenho, é essencial. O RFI vem ganhando espaço exatamente por isso: é uma característica com herdabilidade moderada e que não está diretamente ligada a ganho de peso, o que permite identificar animais mais eficientes sem interferir nas demais qualidades produtivas.

Para entender se selecionar animais com baixo RFI poderia afetar a qualidade da carne, pesquisadores do INIA acompanharam 136 novilhos Hereford em um confinamento no Centro de Pesquisas de Kiyú. Os animais foram separados em três grupos conforme seu nível de eficiência (baixo, médio e alto RFI) e tiveram o consumo individual monitorado por 70 dias com ajuda do sistema GrowSafe™. Durante esse tempo, receberam uma dieta balanceada com silagem, concentrado e subprodutos.

Os resultados surpreenderam positivamente. Animais mais eficientes (baixo RFI) mantiveram o mesmo desempenho produtivo dos menos eficientes: peso final, rendimento de carcaça, área de olho de lombo, gordura e marmoreio não apresentaram diferenças significativas entre os grupos. Além disso, alguns cortes nobres, como picanha e coxão duro, até apresentaram maior peso nos animais de baixo RFI, o que pode representar uma vantagem comercial no momento da desossa.

Quando o assunto é qualidade da carne, o destaque ficou por conta da gordura intramuscular (IMF), que foi um pouco maior nos animais com alto RFI (4,61%) em comparação aos mais eficientes (3,85%). Esse aumento na gordura refletiu-se em níveis ligeiramente mais altos de ácidos graxos (saturados, mono e poli-insaturados), mas sem comprometer o perfil nutricional, os índices de PUFA/SFA e ômega-6:ômega-3 permaneceram dentro dos padrões aceitáveis.

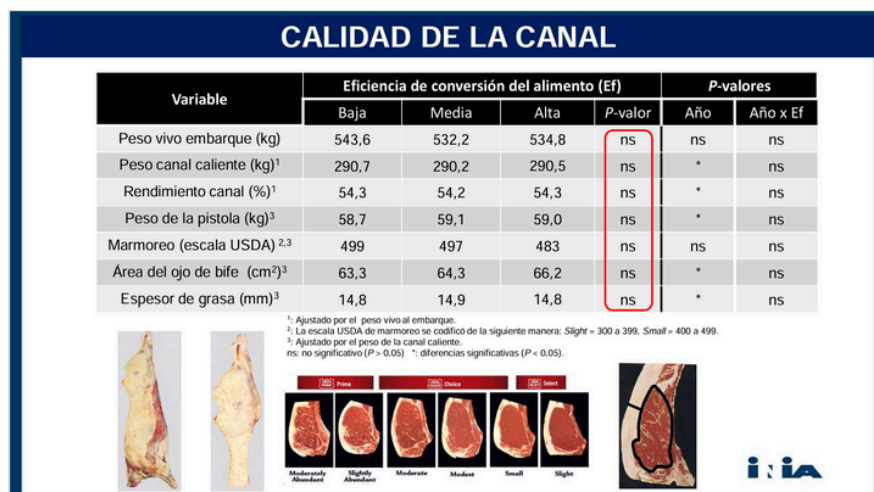
E o mais importante: o consumidor não percebeu diferença. Um painel com 100 pessoas avaliou cortes de todos os grupos e não encontrou variações significativas em maciez, sabor ou aceitação geral. Todos os cortes receberam notas acima de 6 numa escala de 9 pontos, o que reforça que a carne dos animais mais eficientes é igualmente bem aceita no prato.

Em resumo: selecionar animais por eficiência alimentar não prejudica a carcaça nem a carne. Pelo contrário, traz benefícios econômicos e pode tornar os sistemas de produção mais sustentáveis, sem abrir mão da qualidade que o mercado e o consumidor final exigem.

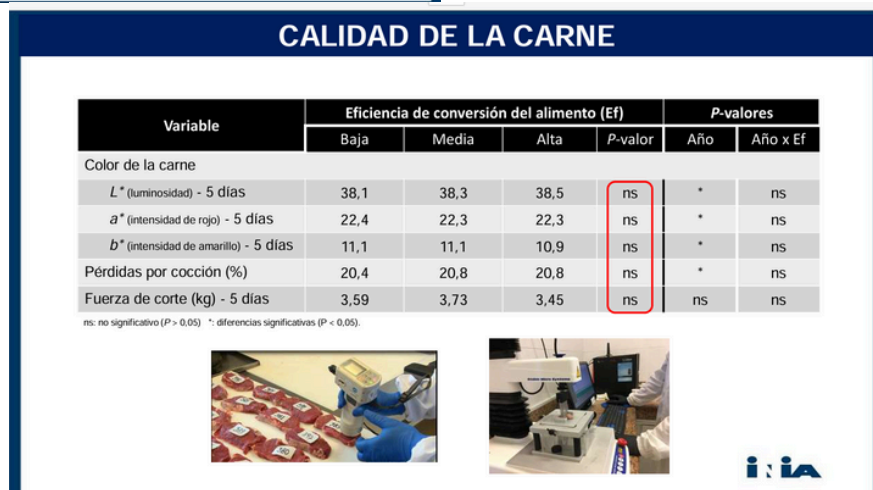
Esse estudo reforça a importância de incorporar o RFI nos programas de melhoramento genético da raça Hereford. A pecuária do futuro será cada vez mais baseada em dados, sustentabilidade e eficiência, e isso começa com decisões inteligentes no presente.

Contato para mais informações: sluzardo@inia.org.uy
Fonte: Luzardo, S. et al. (2024). Meat and Muscle Biology 8(1):18391.

Resumo por Igor Mello Lorensi – Acadêmico de Zootecnia – Encorte/UFSM – Gestor de marketing digital e redator de conteúdo na empresa Vittal Marketing.



Figuras 1 e 2 – Slides da Palestra de Santiago Luzardo, INIA (Uruguai) realizada no 33º Encorte.





Nossos Parceiros

UMA LONGA JORNADA PRECISA SER PERCORRIDA EM GRUPO



CARNIVORE
PERFORMANCE



DATAMARS
Livestock





Foto: Equipe PecuariaSul



@revistapecuariasul



@pecuariasul.revista



(51) 99977 0841



contato@pecuariasul.com.br

www.pecuariasul.com.br